

DAMIÁN FERNÁNDEZ PEDEMONTTE

A segunda conversão

No caminho de Emaús



DAMIÁN FERNÁNDEZ PEDEMONTÉ

A SEGUNDA CONVERSÃO

No caminho de Emaús

EDICIONES RIALP

MADRID

Título original: *La segunda conversión*

© 2020 *by* Ediciones Logos

© 2022 *by* EDICIONES RIALP, S.A.,
Manuel Uribe 13-15, 28033 Madrid
(www.rialp.com)

Tradução: Maria da Conceição da Rocha Páris

Revisão: Maria José Figueiredo

Não é permitida a reprodução total ou parcial deste livro, nem o seu tratamento informático, nem a transmissão por nenhuma forma ou por qualquer meio, quer seja eletrónico, mecânico, por fotocópias, por registo ou por outros métodos, sem a autorização prévia e escrita dos titulares do copyright. Dirija-se a CEDRO (*Centro Español de Derechos Reprográficos*, www.cedro.org) se precisar de reproduzir, fotocopiar ou fazer scan dalgum fragmento desta obra.

Pré impressão: produccioneditorial.com

ISBN (edição impressa): 978-84-321-6175-9

ISBN (edição digital): 978-84-321-6176-6

ÍNDICE

CAPA

CAPA INTERNA

CRÉDITOS

PRIMEIRA PARTE. O CAMINHO DE JERUSALÉM PARA EMAÚS

1. DOIS DOS DISCÍPULOS IAM A CAMINHO DE UMA ALDEIA CHAMADA EMAÚS

UMA INVERSÃO DE MARCHA

O CAMINHO

2. ENQUANTO CONVERSAVAM, APROXIMOU-SE DELES O PRÓPRIO JESUS

CONVERSAS

ENCONTRO

TRISTEZA

O NOME PRÓPRIO

3. NÓS ESPERÁVAMOS QUE FOSSE ELE O QUE VIRIA REDIMIR ISRAEL

JESUS

CRISE

DONS

PAUSA

4. JÁ LÁ VAI O TERCEIRO DIA DESDE QUE SE DERAM ESTAS COISAS

FÉ

CONFIANÇA

5. EXPLICOU-LHES, EM TODAS AS ESCRITURAS, TUDO O QUE LHE DIZIA RESPEITO

O OLHAR DE JESUS

AS ESCRITURAS

SEGUNDA PARTE. O CAMINHO DE EMAÚS PARA JERUSALÉM

6. FICA CONNOSCO

HOSPITALIDADE

EUCARISTIA

DEIXAR-SE AMAR

UM CORAÇÃO ARDENTE

7. LEVANTANDO-SE, VOLTARAM IMEDIATAMENTE PARA JERUSALÉM

DE SAÍDA

PREGAMOS CRISTO RESSUSCITADO

8. CONTARAM O QUE LHES TINHA ACONTECIDO NO CAMINHO

O CAMINHO DE REGRESSO

DOS LUCROS AOS FRUTOS

NOVAS CONVERSÕES

AUTOR

PRIMEIRA PARTE
O CAMINHO DE JERUSALÉM PARA EMAÚS

1.

DOIS DOS DISCÍPULOS IAM A CAMINHO DE UMA ALDEIA CHAMADA EMAÚS

UMA INVERSÃO DE MARCHA

Nesse mesmo dia, dois dos discípulos iam a caminho de uma aldeia chamada Emaús, que ficava a cerca de duas léguas de Jerusalém; e conversavam entre si sobre tudo o que acontecera.

Para quem escrevo este livro? Quem são os destinatários de *A segunda conversão*? Antes de responder a esta pergunta, vou dar uma ideia do seu conteúdo. Este livro trata daquilo a que, na espiritualidade, se costuma chamar *a segunda conversão*. Santa Teresa de Ávila já tinha mais de quarenta anos – muitos dos quais passados no convento – quando, sentindo-se tocada por uma imagem de Jesus crucificado, abandonou uma vida monástica cheia, paradoxalmente, de vaidades, receções; e conversas frívolas dentro do próprio mosteiro; aquilo a que o Papa Francisco chamaria mundanismo espiritual. Na vida de São Francisco de Assis e de Santo Inácio de Loyola também houve viragens de leme deste género, por meio das quais Nosso Senhor os levou de uma vida de cavalheiros a uma vida de homens santos. Santa Teresa de Calcutá descobriu a sua missão de fundadora já dentro da entrega religiosa.

A passagem do evangelho de São Lucas sobre os discípulos de Emaús é uma espécie de parábola viva. Há outras passagens da vida de Jesus que têm esta característica: a caminho de Jerusalém, o Senhor amaldiçoa uma figueira por não encontrar o fruto que esperava dela; no regresso, os discípulos reparam que a árvore secou. Porque é que o encontro dos discípulos com o Senhor no caminho de Emaús é uma parábola viva? O episódio

decorre numa tarde, em poucas horas, as que eram necessárias para percorrer a pé os dez quilómetros, ou pouco mais, que separavam Jerusalém de Emaús. Nesse lapso, a sucessão dos acontecimentos é muito precisa, como se se tratasse de uma história, ou como se estivessem a ser representados num palco. Trata-se de um relato e, como tal, vou comentá-lo etapa a etapa. Não são só os contos e os romances que são relatos; a vida contém sequências que podem ser expressas em relatos. Há em todas as vidas momentos decisivos, pontos de viragem, de *clímax*. O encontro com o Senhor que se dá em todas as vidas, e sobretudo o reencontro, que é ainda mais definitivo, pertence a este género de momentos.

Agora, sim, posso aventurar-me a dizer para quem escrevo. Dirijo-me sobretudo a pessoas que já são cristãs, que até têm um compromisso com a vida de fé. Gostava que este livro chegasse às mãos de sacerdotes e de pessoas dedicadas a atividades apostólicas na Igreja; a casais que querem ter uma família cristã; a gente empenhada em ajudar os outros, em cuidar dos mais fracos. Aos bons. Ou seja, a um grupo muito amplo de pessoas. Mas este livro poderá ser-lhes mais útil se estiverem cansados, aborrecidos, deprimidos por trabalharem por Deus sem verem grandes frutos, por se encontrarem uma vez e outra com a sua cruz pessoal — uma doença, a morte de um ser querido, o fracasso dos próprios projetos, os pecados e a culpa, a constatação da própria mediocridade — e não saberem lidar com ela.

É a temática da crise da meia idade. Ou, de forma mais ampla, a temática da crise espiritual. Há crises estrondosas e crises silenciosas, como os anos de desencanto com atividades que, no passado, foram empreendidas com grande entusiasmo: a evangelização, o acompanhamento espiritual, a formação, a educação, o cuidado de doentes e idosos, as obras sociais, o trabalho com grupos vulneráveis, as obras de misericórdia, a difusão da doutrina da Igreja, a

defesa da vida, a construção de uma família e a educação dos filhos, a promoção humana, o investimento em empreendimentos cristãos e a ajuda à Igreja com trabalho, etc. Como o Senhor nos avisou, há um momento em que todos os projetos, incluindo os de carácter espiritual — sobretudo esses —, deparam com a cruz. Uma cruz que é a resistência da nossa natureza caída e a dos homens e mulheres para quem trabalhamos, e que aparece no dia a dia sob a forma de desânimos, incompreensões, problemas do relacionamento: «Quem não tomar a sua cruz para Me seguir não pode ser meu discípulo» (Lc 14, 27).

Esse desgaste gota a gota pode levar-nos, um dia, ao fastio. Trata-se de um cansaço que não é do corpo, mas da alma, que é muito mais difícil de afastar que o cansaço físico. Quando isso acontece, vemos a cara da tentação com uma ferocidade que desconhecíamos. A tentação de abandonar a vocação, mesmo que a vivamos há muitas décadas. O escândalo pela deserção dos amigos com mais aptidões do que nós, sobretudo quando esse afastamento é acompanhado por comportamentos pouco leais e pouco éticos de pessoas que eram um exemplo para nós. Um sentimento de solidão, de incompreensão profunda, apesar de estarmos rodeados por uma família ou uma comunidade, apesar de o Senhor Se servir de nós para chegar a muitas pessoas que precisam de nós e nos apreciam. Sentirmo-nos esmagados pela dificuldade em viver com delicadeza a moral matrimonial, pelas diferenças de critério do cônjuge e doutros familiares próximos sobre questões importantes para a nossa vida de fé, pela rebelião dos filhos adolescentes contra os valores cristãos sobre os quais edificámos a família, pela desgastante tarefa de formar num ambiente hostil aos princípios da Igreja. As diferenças de opinião com quem nos guia dentro da Igreja, seja um diretor espiritual ou uma autoridade da instituição a que pertencemos: desedificação, autoritarismo, chamadas de

atenção que humilham profundamente, atitudes que parecem contrariar o bom senso.

São apenas exemplos; cada leitor poderá acrescentar muitos outros, pelos quais passou, na sua vida ou na vida de outros. A crise pode irromper quando a cruz aparece inesperadamente, arrancando-nos à rotina, ao cumprimento abnegado dos deveres diários: um despedimento, um período prolongado de dificuldades económicas, a atenção dolorosa a pais doentes, a morte do ser mais querido, uma doença grave, o convívio com membros da família de trato difícil, às vezes com problemas psiquiátricos. Outras vezes, não há um detonador específico mas, olhando para trás ou comparando-nos com colegas ou amigos, notamos que andamos nisto há muito tempo e já não temos energia para continuar a ir contra a corrente, sem vontade.

A razão de ser destas páginas é a frequência com que estas dificuldades se apresentam na vida dos cristãos comprometidos com a sua fé, e a surpresa com que muitos deles as recebem. Dizia um filósofo espanhol que a vida é aquilo que acontece quando os nossos projetos perdem sentido. Talvez seja um exagero, mas gostava de sugerir desde já que os medos, as inseguranças, as dúvidas e a aridez são a matéria com que temos de construir a santidade. Ou melhor, são o barro de que o Senhor Se serve para esculpir a sua imagem em nós. O fim de qualquer vocação cristã é a santidade. E a santidade é, como nos ensinaram os santos, a imitação de Cristo, a tentativa de ser outro Cristo. Provavelmente, o Cristo mais próximo que os nossos parentes, colegas e amigos encontram. Tendo regressado ao Céu, Jesus quer permanecer em nós, continuar encarnado em cada cristão, para ser contemporâneo de cada geração. Por isso, continua ao nosso lado na Igreja, que é a continuação do evangelho.

Esta posição de partida poderá parecer algo pessimista: trata-se de nos conformarmos com as crises, de nos

habituar-mos aos motivos de desilusão, de nos resignarmos com uma vida sem alegria nem entusiasmo? De maneira nenhuma. As crises, sonoras ou surdas, grandes ou pequenas, frequentes ou isoladas, podem ser uma oportunidade para olharmos o nosso caminho como que do alto. Um momento para reduzirmos a velocidade, olharmos com atenção para o GPS e voltarmos ao caminho certo com decisão, com mais segurança e clareza a respeito da direção e do destino. Depois do chamamento de Deus, do discernimento da nossa vocação, do momento inicial em que partimos a correr atrás da nossa missão neste mundo, havemos de precisar, pelo menos uma vez, de uma reorientação no leme, de uma segunda conversão. De uma vocação dentro da vocação.

O CAMINHO

Com frequência, do que precisamos é de pequenas correções do rumo. Tantas vezes como as que o marinheiro olha para a bússola para ajustar a direção, não vá falhar o destino por uma soma de impercetíveis, mas repetidos desvios. A vida é uma viagem por um caminho cheio de obstáculos. A imagem do caminho é uma das mais utilizadas na literatura universal para representar o curso da vida. Logo na origem da literatura ocidental, na Grécia do século VIII a.C., Homero descreve o périplo do herói na sua *Odisseia*, a matriz de todos os relatos posteriores, narrando o regresso de Ulisses, herói da guerra de Troia, à casa paterna, onde é esperado pela mulher, Penélope, e o filho, Telémaco. A viagem é pontuada por ameaças e tentações, que testam e atrasam o herói. A própria chegada à sua Ítaca natal é uma prova: entra disfarçado de mendigo e só é descoberto pela ama, que lhe reconhece uma ferida de infância na perna. Enquanto relato inaugural, a *Odisseia* é um arquétipo da condição humana, uma espécie de antropologia por via narrativa; assim, por exemplo, um antropólogo interpretou o facto de a ama reconhecer

Ulisses pela ferida como uma indicação de que os heróis são reconhecidos pelas suas fraquezas. Onde não há debilidade, também não há heroísmo.

Aquiles foi, na infância, quase completamente submerso nas águas do Egeu, que o tornaram invulnerável; mas o calcanhar pelo qual estava a ser seguro não se molhou, permanecendo, portanto, vulnerável: é o famoso calcanhar de Aquiles, sem o qual o herói seria um deus, mas não um herói. O heroísmo que nos é pedido só pode crescer com base na aceitação da nossa vulnerabilidade. Não nos tornamos santos sem passar por medos, vacilações e desassossegos, mas, pelo contrário, vencendo as nossas limitações, com a luta pessoal e sobretudo com a graça de Deus.

Há muitos outros textos clássicos que usam a imagem do caminho: *Cid*, *Divina Comédia*, *Dom Quixote de la Mancha*. Os romances e filmes que narram uma travessia são as chamadas *road stories*. A imagem, tal como o mito, é maleável e, com o tempo, vai sendo veículo de mensagens diversas. No século xx, desde a época dos *beatniks*, nos Estados Unidos, que o caminho é muitas vezes desprovido de sentido, tanto na aceção de direção, como na aceção de significado. São caminhos labirínticos ou caprichosos, caminhos pós-modernos, mais pensados para nos perdermos neles do que para chegarmos ao fim.

As diferentes conceções do caminho geram diferentes tipos de caminhantes. O caminhante típico da era cristã é o peregrino. A peregrinação combina um aspeto penitencial com outro festivo: o peregrino tem uma meta clara, que custa alcançar, mas que é uma alegria atingir. Avança acompanhado por um grupo com quem partilha o sentido: todos sabem o que estão a fazer nesse caminho. Pelo contrário, na pós-modernidade proliferou a figura do nómada, que vagueia dum lado para o outro, sozinho ou temporariamente acompanhado por desconhecidos. Nesse deambular sem sentido, não há meta, nem centro, nem

progresso. A imagem do caminho está muito presente na literatura religiosa, em especial na Bíblia. Abraão abandona a sua terra e aventura-se no desconhecido em razão da sua fé na voz de Deus, que lhe ordenou que o fizesse. Assim como Jesus dirá: «O meu alimento é fazer a vontade daquele que Me enviou» (Jo 4, 34), também Abraão podia dizer que a sua pátria foi a obediência a Deus. Não há passagem mais clara que a temível passagem do sacrifício de seu filho Isaac, que o anjo de Deus detém quando está prestes a concretizar-se. Com Moisés, o povo eleito põe-se a caminho pelo deserto depois de abandonar o cativeiro do Egito e atravessar o mar Vermelho. Será um longo caminho até à Terra Prometida, que inclui as conversas de Moisés com o Senhor face a face, a entrega das tábuas da lei, o maná como alimento, as infidelidades e idolatrias dos judeus, os castigos e a cura. Esta etapa crucial contém, em gérmen, toda a história da salvação, incluindo vários elementos que são figura do que Jesus vai revelar nos evangelhos: a lei e a nova lei, a eucaristia, e a redenção completa e superabundante que o Senhor conquistou para nós morrendo na cruz. Finalmente, é sobre a ideia de caminho que assenta a convocatória do Papa Francisco a toda a Igreja para sair da autorreferencialidade e se converter numa «Igreja em saída»: uma Igreja que sai de si para pregar o evangelho. É um «dinamismo de saída» que diz respeito a todos os cristãos, pois todos estão convocados a percorrer o espaço que os separa dos outros, chegando às periferias materiais e espirituais.

«Eu sou o Caminho» disse Jesus; e, no evangelho de São João, também diz de Si mesmo que é «pão da vida», «a porta», «a luz», «a verdade e a vida». Jesus revela-Se a si próprio: Ele é o conteúdo da sua Revelação. Ele é a Tora dos cristãos, a Nova Aliança, a bem-aventurança. Jesus veio pregar o Reino dos Céus, um reino que se inicia já na Terra: «O Reino de Deus está entre vós» (Lc 17, 20). Mas não veio apenas pregá-lo, veio vivê-lo; Jesus, o Deus encarnado,